

Zona 10 de Maringá como espaço de memória: áreas urbanas industriais abandonadas

Carolina Fressatti Cardoso

Mestranda, PPU UEM, Brasil.
carolfressatti@gmail.com

Rilton Robson Lima Vernice

Mestrando, PPU UEM, Brasil.
rilton.vernice@hotmail.com

Gabriela Oliveira Wedekin

Mestranda, PPU UEL, Brasil.
gabriela.wedekin@uel.br

Mariana Medeiros da Motta

Mestranda, PPU UEM, Brasil.
marianamedeirosdamotta@gmail.com

RESUMO

Atualmente, tornou-se recorrente encontrar vazios urbanos gerados pelos antigos espaços industriais que entraram em desuso na malha urbana. As ruínas industriais, embora parte do imaginário cultural e histórico de uma sociedade, habitualmente são encontradas em situações de abandono, descaracterizadas ou destruídas, por vezes criando ambientes hostis. De modo que essa memória, antes atrelada intimamente ao desenvolvimento da cidade, aos poucos vai sendo esquecida, consumida pelo tempo. A Zona 10, localizada em Maringá-PR, possui algumas dessas características, marcada, historicamente, por um conjunto industrial de relevância para a construção e desenvolvimento industrial da cidade e região norte do Paraná. Posteriormente, ao ser abandonada pelas indústrias, tornou-se um dos grandes vazios urbanos próximos ao centro no município, se deteriorando com o passar dos anos e gerando esse sentimento de insegurança em seu entorno. O objetivo deste artigo é debater acerca desta temática, através das teorias e conceitos de recuperação urbana de áreas industriais, buscando destacar a potencialidade de sua preservação em projetos que buscam revitalizar e reviver estes vazios urbanos; além de transpor a discussão ao objeto específico de estudo, apontando a relevância da Zona 10 como patrimônio da memória coletiva industrial do município de Maringá e a importância de sua preservação nos projetos urbanos futuros. A partir de análise bibliográfica, buscou-se a aproximação das literaturas com as informações levantadas sobre a área, evidenciando a importância de sua preservação para a manutenção daquele espaço e a memória da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Recuperação Urbana. Memória Industrial. Zona 10. Maringá.

INTRODUÇÃO

De acordo com o IPHAN (2014), é por meio do patrimônio histórico que se conhece a cultura de um determinado grupo ou sociedade, e a sua história. Porém, por vezes esses bens não têm o seu valor reconhecido, restando abandonados ou até mesmo destruídos. O patrimônio industrial, frequentemente, padece deste problema. É um bem que representa o processo de industrialização, logo, de relevância regional e/ou nacional tanto no âmbito cultural quanto econômico e tecnológico, configurando como um bem material e imaterial.

Estruturas industriais abandonadas estão presentes na paisagem histórica de diversos contextos urbanos, situadas tanto em áreas afastadas da cidade, comumente denominados distritos industriais, mas também inseridas dentro malha urbana, caracterizada pelo abandono, a degradação e o vazio (LEMOS, 2012). Neste contexto, o patrimônio industrial comumente é tachado como técnico, o que remete a grandes prédios, maquinário, tipo de industrialização e modo de vida de um período passado. A história da industrialização de um local e de um grupo não consiste apenas nisso, mas também no conjunto arquitetônico industrial como um todo, representado pelas construções e desenhos da área em que as indústrias foram implantadas (SILVA, 2015). Porém, é necessário levar em consideração que o patrimônio industrial não é somente o que foi construído, para além disso, ele representa a materialização de uma memória coletiva de determinada sociedade em diferentes recortes territoriais, seja local ou regional.

Os vazios industriais, não somente espaços desocupados no sentido físico do termo, constituem espaços inoperantes, ociosos e infrutíferos na cidade, e trazem a luz a necessidade de reflexões fundamentais acerca da possibilidade de sua reinserção na trama urbana por meio de um processo de revitalização, além de debates em relação às repercussões que estas decisões podem trazer para o município. As ruínas industriais e seus vazios urbanos negligenciados são espaços com potencial para serem remodelados, trazendo novamente vitalidade, propósitos e cumprindo, assim, seu papel social. Estas áreas são, por muitas vezes, parte do problema de insegurança urbana nos locais em que se encontram, porém, também trazem em si grande

potencial para requalificar e transformar estas zonas urbanas, tornando-as parte da cidade novamente. Neste contexto, torna-se necessária esta pesquisa com intuito de discutir mais do que a estrutura existente, mas elevar tal espaço a importância correspondente de ser parte integrante da história, desenvolvimento da cidade e da memória coletiva desta população.

Neste artigo, é abordado o caso específico da Zona Industrial da cidade de Maringá no Paraná, também conhecida como Zona 10. A história deste caso se inicia com a ocupação do noroeste paranaense, até chegar no desenho da área industrial (CORDOVIL, 2010); e a literatura sobre a construção da cidade de Maringá-PR tem destacado seu desenho urbano original e as transformações que este passou, em especial com o desenvolvimento econômico e social da região. Porém, ela tende a não abordar este processo como a constituição de patrimônio e, no caso da Zona 10, um patrimônio industrial. Como será apontado a seguir, ela é reflexo de um período específico, sendo que seu desenho e suas construções remetem a uma história industrial e ao modo de vida dos trabalhadores que ali trabalharam e da ocupação residencial em seu entorno.

OBJETIVOS

Objetiva-se argumentar acerca da memória industrial que tem sido perdida nos projetos de revitalização urbana nesses espaços, destacando a relevância da Zona 10 para a cidade de Maringá e a importância da sua preservação. Através deste objeto, pretende-se evidenciar a potencialidade da preservação de ruínas industriais no processo de recuperação urbana devido a sua carga histórica e de grande significado dentro do contexto local do município de Maringá.

Deste modo, propomos a reflexão desta área como um bem patrimonial, a partir de análise da literatura sobre o desenvolvimento urbano da cidade e daquela que aborda as características do patrimônio industrial. Destacando, por fim, a importância de sua preservação nos projetos urbanos futuros e manutenção do espaço da Zona 10 como memória industrial da cidade.

METODOLOGIA

Metodologicamente o texto apresenta-se como um estudo teórico acerca do tema supracitado, inicialmente por meio da revisão e discussão da literatura e, posteriormente, a análise do estudo de caso. Assim, o texto estrutura-se em duas partes principais, a primeira relacionada a revisão bibliográfica acerca do conceito de recuperação urbana de áreas industriais; e em um segundo momento, direcionando-se para o objeto de estudo, por meio do levantamento e coleta de informações na literatura acerca do desenvolvimento urbano da cidade e da área de estudo. Por fim, deseja-se indicar as potencialidades da Zona 10 para projetos de revitalização futuras nesse espaço.

Em relação aos procedimentos, na etapa de revisão bibliográfica, a discussão teórica tende a refletir sobre conceitos contidos ou derivados do tema central deste artigo, sendo estruturados em dois conceitos principais: a **revitalização/recuperação urbana** e as **ruínas/memórias industriais**. Posteriormente, através de abordagem qualitativa, direciona-se ao objeto de estudo, elencando suas problemáticas e potencialidades. Logo, os resultados são

divididos em quatro tópicos que tratam da recuperação urbana de áreas industriais, das potencialidades das ruínas industriais, da formação da cidade e da zona industrial de Maringá - PR e da Zona 10 como uma área potencial. Ao final, na conclusão, propõe-se a reflexão e considerações a respeito do tema e da problemática aqui exposta.

RESULTADOS

Recuperação urbana de áreas industriais

Com o declínio da atividade industrial na maioria dos centros urbanos, após um período de rápida e intensa urbanização, tem-se como consequência no território, alterações no tecido urbano marcado por áreas abandonadas, como os espaços industriais desocupados e degradados pelo processo de deslocamento da indústria. Em seu contexto pós-industrial, as cidades possuem grandes dificuldades em lidar com esses espaços que perdem significado devido às alterações urbanas, decorrentes do seu próprio desenvolvimento. Surgindo no tecido urbano grandes áreas ociosas, que acabam constituindo-se em vazios industriais que degradam e formam estoques de áreas propícias à especulação imobiliária, geralmente, próximas à áreas centrais e bem servidas por infraestrutura (ARAKI, 2010)¹.

Mais do que espaços desocupados no sentido físico do termo, os vazios industriais configuram espaços desativados, ociosos, esvaziados de suas funções, que acabam despertando reflexões acerca da sua reinserção na trama urbana, através de um processo de revitalização, além das consequências de cada uma dessas decisões para a cidade. Assim, essas áreas de ruínas industriais constituem verdadeiros “espaços mal vistos”, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ambiental e do social. Segundo Sánchez (2003), “[...] o abandono é ambientalmente perigoso, socialmente injusto, e, economicamente, pode representar um desperdício de recursos”.

Estas áreas, contudo, configuram-se como grande oportunidade para rever a forma pela qual o espaço urbano é construído, gerando expectativa de transformação desses espaços, permitindo, então, refletir sobre propostas que se contrapõem ao atual modelo de desenvolvimento, que deprecia social, econômica e ambientalmente a cidade. As ruínas industriais e seus vazios urbanos em abandono, assim sendo, constituem espaços que podem ser transformados, revitalizados, e ter novos usos sociais (MENDONÇA, 2001)²

Aspecto importante a ser considerado no processo de revitalização desses espaços, é o papel do patrimônio industrial para a história da cidade, fazendo parte da memória coletiva daquela sociedade. Segundo Mello e Silva (2006), o patrimônio industrial é mais do que um conjunto de bens arquitetônicos e complexos interessantes, o objeto industrial é também como um arquivo a céu aberto, um campo de investigação vivo, onde é possível encontrar as instalações na qual se processou a produção industrial, na qual por ali passou uma comunidade trabalhadora, na qual se faz uma transmissão de um saber técnico (MELLO E SILVA, 2006).

Em consonância, Cruz (2021),

¹ Disponível em: <<https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/125/111>> Acessado em: 28 jun 2022.

² Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>> Acessado em: 28 jun 2022.

Desde o seu advento na Revolução Industrial, a indústria consegue, no decorrer de um século, desbravar lentamente seu lugar na construção identitária na cidade, conquistando espacialmente ideologias sociais, políticas, tecnológicas e econômicas obtendo valor cultural de patrimônio pela sua carga histórica, tecnológica, arquitetônica, científica e social que houve no passado, pois era o epicentro das relações e da formação do cotidiano da sociedade da época. (CRUZ, 2021, p.2)

A desindustrialização produz a evacuação desses complexos industriais, mas deixa para trás os elementos identitários dessa memória, e que acabam, por muitas vezes, sendo desconfigurados, abandonados ou demolidos, descaracterizando o valor afetivo de memória desse território. Por isso, nos projetos de revitalização, os aspectos históricos, bem como culturais e sociais dos espaços industriais são considerados por meio de uma análise dos elementos arquitetônicos e/ou estruturais que sobreviveram ao longo do tempo, podendo ou não ser mantidos, onde as memórias do passado se sobrepõe ao cenário presente. Por outro lado, Choay (2017) já apontava para algumas questões práticas relacionadas a integração do patrimônio industrial com a vida contemporânea, ao afirmar que reintegrar um edifício desativado a um uso normal é uma forma complexa de valorização desse patrimônio, pois corre-se o risco de poupá-lo do desuso, mas expô-lo ao desgaste e usurpações do uso. Portanto, é compreensível que, nem todo o patrimônio industrial deve ser reutilizado e adaptado nos projetos de reutilização, mas é primordial levar em consideração os simbolismos que cercam estas ruínas e conservar os bens mais significativos para cada contexto.

Potencialidades das ruínas industriais

O arquiteto paisagista alemão Peter Latz afirma que,

Nossas novas concepções devem projetar a paisagem juntamente aos elementos aceitos ou perturbadores. Os harmoniosos e os que interrompem. O resultado é a metamorfose da paisagem sem destruir características existentes, um diálogo arquetípico entre o construído e o selvagem. A imagem da natureza pode ser feita dos 'intocados' e dos 'construídos'. Aceitar um mundo fragmentado significa deixar o espaço da natureza coincidente ao layout atual. A arquitetura específica para usos específicos não precisa ser construída. A imaginação permite que os existentes sejam reinterpretados e usados de novas maneiras. Isso pode significar descobrir regras antigas e combiná-las com novos elementos e novos objetivos. Artefatos podem desenvolver processos naturais em ambientes abandonados de acordo com as regras ecológicas iniciadas e mantidas pelos processos tecnológicos. Esses artefatos simbolizam a ecologia, tanto de sistemas naturais quanto técnicos. (LATZ, Peter. 2000, tradução nossa)³

As ruínas industriais, como já citado, são a materialização de uma memória com valor efetivo para determinada a cidade, conseqüentemente para a população que nela reside. Elas são, em alguns contextos, potencialidades para qualificar a transformação urbana dessas áreas. Exemplo disso, antigas áreas industriais tinham gabarito de altura significativo, para garantir que as chaminés fossem vistas de vários pontos da cidade (algumas chegam a 30 metros de altura). Segundo Lynch (1997), os "marcos" caracterizam-se como elementos importantes para a

³ Disponível em: < <https://www.latzundpartner.de/en/projekte/postindustrielle-landschaften/> > Acessado em: 28 jun 2022.

legibilidade do lugar, mantê-los, em alguns casos, qualificam o espaço urbano, atuando como marcos visuais (Figuras 1 e 2).

Figura 1 e 2: Croqui do conceito de “Landmark” de Kevin Lynch/ Chaminé industrial como marco visual no espaço urbano, Campinas-SP



Fonte: LYNCH (1997)/ PREFEITURA DE CAMPINAS ⁴

Outra potencialidade, se relaciona com a adaptabilidade das estruturas industriais para projetos contemporâneos. Como frisado por Choay (2017), “os edifícios isolados, em geral de construção sólida, sóbria e de fácil manutenção, são facilmente adaptáveis às normas de utilização atual e se prestam a múltiplos usos, públicos e privados” (CHOAY, 2017, p. 219). Ou seja, tais estruturas, após uma avaliação de suas condições físicas, podem ser acopladas aos novos usos propostos, facilitado pela robustez dessas estruturas e os amplos espaços livres entre elas. Tais características podem favorecer projetos com mistura de usos para estes ambientes, possibilitando parceria público-privada, que atendam os interesses e as demandas de ambos os públicos.

Portanto, esses aspectos permitem a transformação dessas ruínas em potencial para projetos de recuperação urbana e preservação de suas características históricas. Além do mais, em alguns casos, há a possibilidade do uso de conceitos de planejamento ecológico e paisagem sustentável, como é o caso do objeto de estudo aqui abordado, atribuindo espaços verdes em consonância com os outros usos, trazendo mais uma camada de qualidade ambiental para quem utiliza a área transformada, enriquecendo uma área da cidade com uma mancha verde, beneficiando a sociedade e a população animal que vive ali, como veremos mais adiante. Identificar as potencialidades nas ruínas industriais, propõe dar nova vitalidade tanto à estrutura industrial existente quanto à região na qual se situa.

Maringá - PR: formação da cidade e da zona industrial

⁴ Disponível em: < <https://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/verBem.php?id=130> > Acessado em: 28 jun 2022.

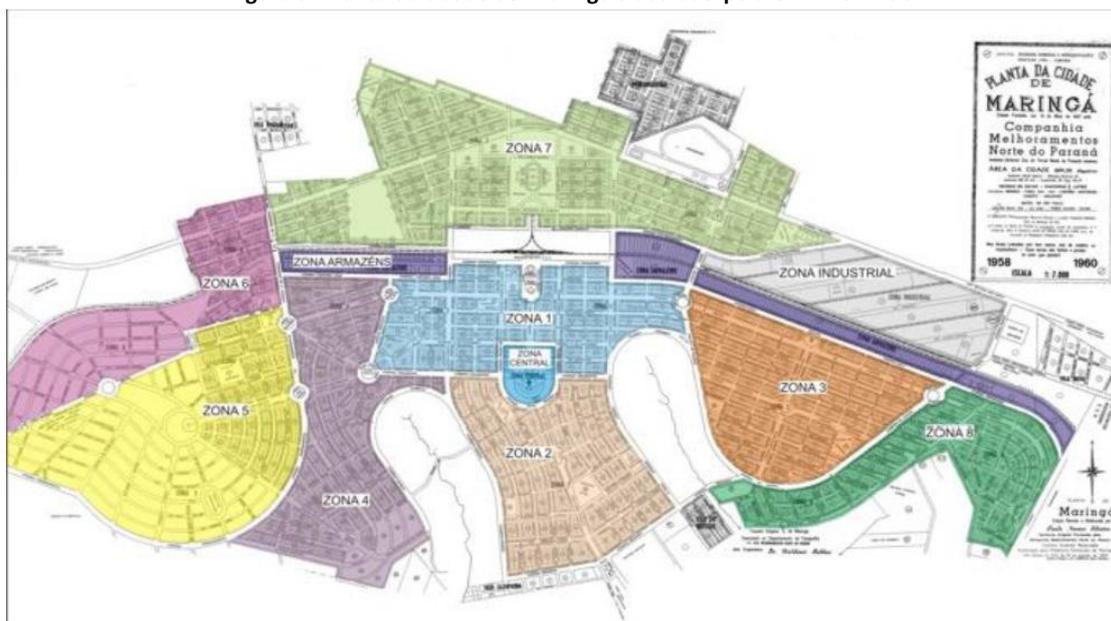
A ocupação do Norte do Paraná teve início no século XX, tendo seu desenvolvimento norteado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná e, posteriormente, pela Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (CTNP/CMNP). Procurou-se, a partir do aproveitamento da linha ferroviária São Paulo – Paraná, solos férteis para o progresso de cultivos de algodão e posteriormente o café. Fatores como a grande produtividade e extensão das terras, a produção familiar e a negociação das restrições quanto ao plantio do café, conferiram o diferencial da colonização Norte paranaense, e provocaram um crescimento acelerado e mais dinâmico dos núcleos urbanos (CORDOVIL, 2010).

O povoamento da área compreendida pelo atual município de Maringá iniciou-se por volta de 1938, enquanto as primeiras edificações urbanas começaram a ser construídas na década de 1940. A venda estratégica dos primeiros lotes da região pela CMNP resultou em diversos proprietários interessados no desenvolvimento urbano e industrial. O trajeto da linha férrea, coincidindo com os principais divisores de águas, determinou a implantação da cidade na área mais elevada e seca, atingindo poucas nascentes de rios; essa localização também livrou o projeto inicial de grandes declividades ou áreas impróprias à ocupação. (MENEGUETTI; REGO; BELOTO, 2009).

Em meados da década de 1940 o engenheiro Jorge de Macedo Vieira elaborou o Plano Urbano Inicial de Maringá. Segundo Ferreira e Cordovil (2014), os usos eram edificados através de um zoneamento rígido e com desenho bem estabelecido. A área ocupada pelo pátio de manobras da ferrovia e sua estação, assim como outros elementos do plano, foi concebida a partir de referências teóricas e urbanísticas que preconizavam a cidade moderna, baseada na cidade-jardim de Howard, entre outras vertentes europeias e estadunidenses (CORDOVIL, 2007).

O desenho (Figura 3) se relaciona às condições geográficas, através da topografia que as principais vias foram determinadas. No centro vemos regularidade e rigidez, onde o uso dos lotes públicos pedia formalismo e monumentalidade, já nos bairros um traçado mais irregular seguindo o sítio (REGO, 2001). Foram seis planos até que se chegasse ao que foi implantado, sendo os quatro primeiros apresentados por Vieira, e os dois últimos com alterações feitas, provavelmente, por Cássio Vidigal e/ou técnicos da Companhia, mantendo-se parcialmente o zoneamento elaborado pelo engenheiro (CORDOVIL, 2010).

Figura 3: Planta da cidade de Maringá elaborado pela CMNP em 1957



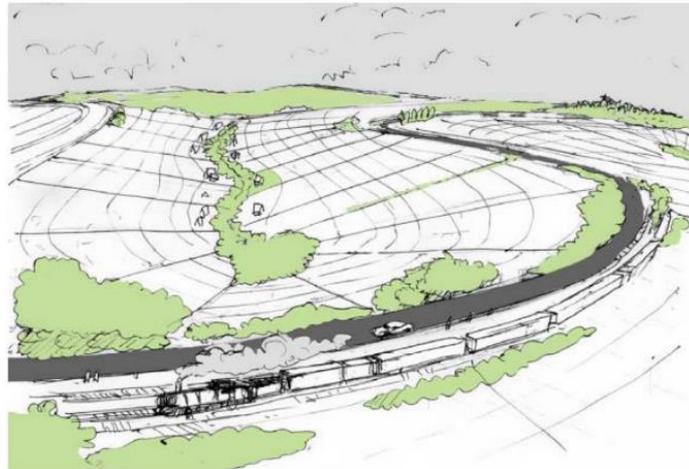
Fonte: CORDOVIL, 2010.

O escoamento da produção era fator primordial, logo a fundação das cidades e a construção de rodovias e ferrovias estavam ligadas. De acordo com Monbeig (1984, apud CORDOVIL, 2010), houve um entendimento entre as empresas loteadoras e a ferroviária: os lotes não eram abertos para venda sem antes se ter a certeza que ali passaria o trem (Figura 4). A Companhia teria, então, comprado ações da Ferroviária São Paulo-Paraná, a fim de influenciar a extensão da linha férrea para os seus loteamentos (MENEQUETTI, 2007).

A implantação da cidade de Maringá no percurso de exportação e comercialização de insumos agrícolas entre o estado de São Paulo e região Sul visava o desenvolvimento industrial e econômico da região, visto que o território possuía solos férteis e hidrografia favorável aos cultivos agrícolas e usos fabris. Neste contexto, Cordovil (2010) afirma que a colonização do centro urbano se desenvolveu junto da elaboração de um plano com ligação regional a partir de um eixo rodoferroviário; além disso, a topografia local era favorável à implantação de planos urbanísticos modernos que contemplassem áreas industriais.

Figura 4: Trajeto da linha férrea coincidindo com os divisores de água. Elementos da paisagem da CNTP:

Estradas e glebas na cumeeira



Fonte: YONEGURA, 2010.

Localizada em um dos limites do perímetro urbano do plano original, a zona industrial da cidade foi, portanto, pensada estrategicamente. Segundo Pereira (2019), a área possuía ligações rodoviárias e ferroviárias, além de áreas complementares, como vilas operárias, pátio de manobra, e armazéns, que pudessem dar suporte aos trabalhadores e ao transporte de carga. Essa região foi nomeada como “Zona 10.” Após a implantação da empresa algodoeira SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), a região foi fortemente ocupada, transformando a economia da cidade por desenvolver-se como um polo agroindustrial (PEREIRA, 2019).

Zona 10: uma área em potencial

A escolha pela Zona 10 na cidade de Maringá como objeto de estudo para o tema em debate partiu, à princípio, do fato de que historicamente foi a zona industrial inicial da cidade com papel importante no seu desenvolvimento. E posteriormente, ao ser abandonada pelas indústrias, tornou-se um dos grandes vazios urbanos próximos ao centro, se deteriorando com o passar dos anos. A partir de uma investigação preliminar sobre o local, entendeu-se ser um objeto em que há a possibilidade de revitalização futura deste espaço industrial degradado. Percebendo perspectivas relacionadas ao resgate da identidade e memória histórica local, melhoria das conexões entre a área e seu entorno imediato, e reconexão entre comunidade local e espaço atualmente ocioso.

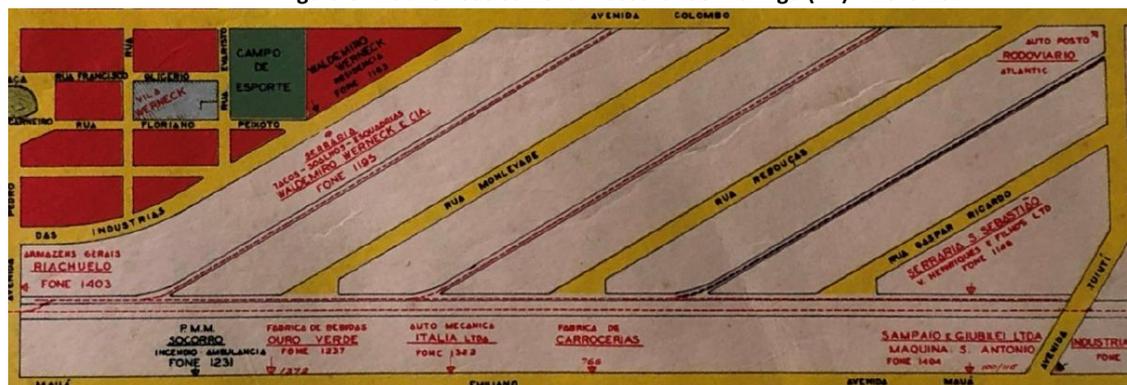
Figura 5: Localização da Zona 10, e avenidas adjacentes para escoamento ferroviário e rodoviário das indústrias locais.



Fonte: GOOGLE EARTH, ADAPTAÇÃO AUTURAL.

A Zona 10 (em amarelo na Figura 5), no plano de zoneamento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, é uma região destinada à área industrial (Z-I), desde a metade do século XX, com grande concentração de armazéns e estruturas manufatureiras para atender a demanda produtiva dessa localidade, a qual ficava perto da Zona 3, popularmente conhecida como vila operária.⁵ Sua localização era considerada privilegiada para o escoamento da produção fabril, com a linha férrea implantada na Rua Monlevade entre a Avenida Horácio Racanello (linha laranja na Figura 5) a Avenida Colombo (linha azul na Figura 5) voltada para o escoamento rodoviário, cortando a cidade no sentido leste-oeste, além de ser relativamente próxima da estação ferroviária.

Figura 6 - As avenidas da Zona Industrial de Maringá (PR) – Zona 10.

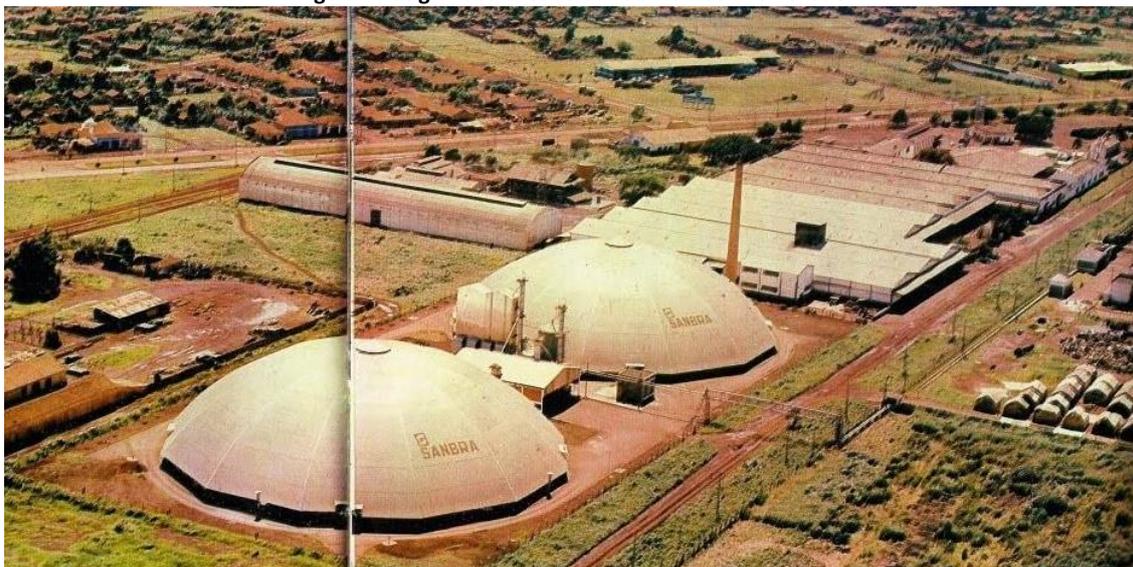


Fonte: Acervo Maringá Histórica.⁶

⁵ “Zona industrial e o Centro” - Década de 1960. Disponível em: <<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/3144/zona-industrial-e-o-centro-decada-de-1960>> Acessado em: 29 jun 2022.

Em 1º de março de 1962, uma das primeiras indústrias de capital estrangeiro a se instalar na cidade foi fundada. A *Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A.* (SANBRA) teve papel definitivo para o crescimento urbano e, conseqüentemente, êxodo rural. Suas antigas estruturas, hoje ruínas industriais, permanecem no vazio urbano até os dias atuais. Sendo assim, a história da mesma tem grande importância para a zona 10 e será abordada a seguir. A empresa argentina se estabeleceu em uma área de 123.496 m², voltada para as duas saídas de escoamento, inicialmente funcionando como entreposto de compras (Figura 6). Os produtos básicos eram o óleo bruto e o farelo, depois foram adicionados artigos processados, como algodão, mamona e amendoim, e a soja entrou no final em 1969.⁶

Figura 7: Os grandes silos da Sanbra na Rua Monlevade.



Fonte: Acervo Maringá Histórica.⁶

A SANBRA, por ser uma empresa de grande porte, além dos galpões, tinha em sua estrutura dois silos circulares de grande porte (Figura 7). Quando o primeiro deles foi construído os moradores o assimilaram com um disco voador, chegando a aparecer na Folha do Norte do Paraná da época. Vale ressaltar a presença da chaminé e da caixa d'água, que permaneceram até hoje, e que continham a sirene que marcava o horário dos funcionários, além de servir de referência para os moradores dos bairros próximos (Vila Morangueira e a Vila Operária)⁷. A empresa encerrou as atividades em 1993, quando suas ações foram adquiridas pela empresa *BUNGE Alimentos*. Em maio de 2005, a BUNGE transferiu as instalações da Zona 10 para o Parque Industrial Bandeirantes, e o espaço anteriormente ocupado pela SANBRA, entre a Avenida Colombo e a Rua Monlevade, foi adquirido por um empresário local.⁸

⁶ "A importância histórica da SANBRA em Maringá". Disponível em: <<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/644/a-importancia-historica-da-sanbra-em-maringa>> Acessado em: 29 jun 2022.

⁷ "Interior da SANBRA - 1965" Disponível em: <<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/2107/interior-da-sanbra-1965>> Acessado em: 29 jun 2022.

⁸ "A importância histórica da SANBRA em Maringá". Disponível em: <<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/644/a-importancia-historica-da-sanbra-em-maringa>> Acessado em: 29 jun 2022.

Figura 8: Limites da Zona 10 e marcação da área relacionada às indústrias SANBRA, hoje abandonadas.



Fonte: GOOGLE EARTH COM ADAPTAÇÃO DOS AUTORES, 2022.

Parte da Antiga Zona 10 foi ocupada com outros tipos de comércio e algumas fábricas de pequeno porte, restando, relativamente, intactas as estruturas pertencentes ao trecho das antigas indústrias SANBRA (Figura 8). Hoje essa área de aproximadamente 120.000m² se tornou um “elefante branco” no traçado da cidade, as estruturas da indústria desativada são a imagem do abandono e descaso, no entanto, esta área continua sendo um marco importante, que ainda preserva em si elementos da história da industrialização e do processo de organização operário de Maringá. Atualmente as estruturas quebradas e enferrujadas aumentam a sensação hostil do local; o efetivo abandono das construções industriais possibilitam a permanência e abrigo de pessoas em situação de rua, que por estarem vulneráveis, utilizam-se desses espaços como moradia.

No entanto, outro fenômeno ocorre nas ruínas industriais (Figuras 9 e 10): ao mesmo tempo que parte da população parece ter uma relação adversa, outra parte parece se sentir cativado pelas estruturas abandonadas, sendo comum ver sessões de fotos e gravações de vídeos no local.⁹ Sabe-se também que, até o ano de 2020 a ONG Dignidade Animal utilizou parte da antiga SANBRA como abrigo temporário para os animais resgatados, mas não há informações sobre quando começaram essas atividades¹⁰. O terreno, como dito anteriormente, é de propriedade privada, porém já foi especulado várias vezes pela prefeitura e por outros investidores para realização de projetos, o que indica uma inclinação do proprietário de transformar este local em uma nova estrutura.

⁹ Exemplo de conteúdo gravado nas ruínas industriais da SANBRA. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RqZhQZ5ICI> > Acessado em: 30 jun 2022.

¹⁰ “Para poupar animais de ONG, prefeito suspende carnaval de rua em Maringá” <<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/para-poupar-animais-de-ong-promotor-manda-e-prefeito-suspende-carnaval-de-rua-de-maringa-1027894.html>> Acessado em: 30 jun 2022.

Figura 9 e 10: Fotos das ruínas industriais da Zona 10, Maringá - PR.



Fonte: ACERVO AUTORAL, 2022.

5 CONCLUSÃO

A revitalização urbana, que consiste na recuperação de áreas urbanas que estão abandonadas, subutilizadas ou vêm sendo degradadas ao longo do tempo, é um ferramenta de suma importância para reconstruções, reestruturações, restauros e reformas desses espaços, principalmente quando falamos de zonas industriais em abandono, tema aqui exposto. Estas intervenções podem estar ligadas ao planejamento estratégico integrado e ao plano diretor do município e podem incluir mudanças nas edificações, no transporte e na infraestrutura local, atribuindo funções e elementos urbanísticos com o objetivo de manter viva a memória industrial ali deteriorada com o tempo.

Em relação ao objeto exposto, a Zona 10 em Maringá configura-se como grande oportunidade de transformação urbana. Em virtude da desindustrialização do local, as quadras foram se transformando em empreendimentos isoladores gerando falta de relação com o entorno e grandes lotes vazios abandonados; além da especulação imobiliária, já que os espaços subutilizados - antigas indústrias - e seus lotes imensos apresentam um potencial de uso, localização privilegiada, saneamento básico e outras demandas relacionadas à infraestrutura, atraindo construtoras que reconfiguram esses espaços em grandes empreendimentos comerciais.

Já as ruínas industriais, antigas estruturas ali permanentes até os dias atuais como é o caso dos silos circulares e a chaminé, constituem elementos nesses espaços que podem ser transformados, revitalizados, e ter novas funções como “marcos” importantes para a legibilidade do lugar, até mesmo atuando como marcos visuais. Além disso, essas ruínas têm potencial para renovação urbana em grande escala, podendo revigorar toda a área em que se insere, tendo capacidade para criar conexões com os parques já existentes próximo à Zona 10. Incorporar a memória industrial tão marcante na história do desenvolvimento da cidade, representada ali pelos seus elementos que sobreviveram ao tempo, contribui para transformá-los em espaços públicos de qualidade, saindo da situação de abandono e tornando o local um marco, preservando seu passado, mas o imbuído em um projeto.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. R. M; CORDOVIL, F. C. S. A cidade de Maringá, PR. O plano inicial e as “requalificações urbanas”. *Scripta Nova, Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, Barcelona, v. 12, 2008.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.
- CORDOVIL, F. C. S. **A aventura planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, PR 1947 a 1982**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, São Carlos. 2010.
- CORDOVIL, F. C. S. O projeto urbano como propaganda: a construção da imagem da cidade de Maringá. *In: Pensar Maringá: 60 anos de Plano*. Maringá: Massoni, 2007, p. 83-99.
- CRUZ, D. S. Ruínas da indústria e da memória: ensaio entre “abandonados” e “apagamentos”: nó1 - o silêncio do patrimônio reconhecido. *Brazilian Journal Of Development*, Curitiba, v.7, n.8, p.77694-77706, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/33978>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- DA SILVA, W.; MARIA, Y. R. A importância da preservação do patrimônio industrial. *Colloquim Socialis*, Presidente Prudente, v. 02, n. Especial 2, p. 581-585, 2018.
- FERREIRA, J. C. V.; CORDOVIL, F. C. S. O Projeto Ágora de Niemeyer: propostas modernas para a primeira reformulação da área central do plano inicial de Maringá, Paraná. *In: III ENANPARQ*. São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-EPC-006_FERREIRA_CORDOVIL.pdf Acesso em: 18 mai. 2022.
- IPHAN, Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em 18 mai. 2022.
- LEMOS, M. F. R. C. **Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental: o caso do High Line Park no contexto do PlaNYC**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: 1997.
- MELLO E SILVA, L. Patrimônio industrial: passado e presente. *Revista Eletrônica do IPHAN*, v. 4, 2006. Disponível em <http://www.revista.iphan.gov.br>>. Acessado em 01 jun. 2022.
- MENEGUETTI, K. S. **Cidade-jardim, cidade sustentável: a estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá**. Maringá: Eduem, 2009.
- MENEGUETTI, K. S; REGO, R. L; BELOTO, G. E. Maringá - a paisagem urbana e o sistema de espaços livres. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 26, p. 29-50, 2009.
- PEREIRA, T. R. T. **Indústria e Espaço Urbano: Um estudo sobre a Zona 10 em Maringá-PR**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2019.

REGO, R. L. Curvas, descompassos, aproximações e distanciamentos. *In: Pensar Maringá: 60 anos de Plano*. Maringá: Massoni, 2007, p. 11-21.

REGO, R. L. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. *Acta Scientiarum*, EDUEM, Maringá, v. 23, n. 6, p. 1569-1577, 2001.

SÁNCHEZ, L. E. Revitalização de áreas contaminadas. *In: Remediação e revitalização de áreas contaminadas*. São Paulo: Signus, 2003.

SILVA, L. M. **Patrimônio industrial: passado e presente**. São Paulo: IPHAN, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/patrimonio_industrial_passado_e_presente.pdf> Acesso em: 01 jun. 2022.

YONEGURA, R. K. **O Esquema de ocupação da Companhia de Terras Norte do Paraná e as práticas de planejamento ambiental**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2010.